



### ASTRONOMOS POR VOCAÇÃO.

João Jorge Palitzsch, agricultor saxonio, nasceu a 11 de junho de 1723, na aldêa de Prohliz, cêrca de Dresde. Applicou-se por curiosidade ao estudo da astronomia, aprendendo tambem a trigonometria rectilinea e espherica. O fructo das suas economias empregou-o em organizar um observatorio provido dos instrumentos mais necessarios. Poucas observações interessantes lhe escapavam, e isto sem faltar as suas tarefas agricolas. Comtudo era ainda inteiramente desconhecido na Europa, quando uma circumstancia imprevista veiu dar-lhe uma celebridade que elle não ambicionava.

Era chegado o fim do anno de 1758: a attenção dos astrônomos, e pôde dizer-se que a do mundo civilisado, estava fixada em uma predicção da mais

alta importancia. Havia já cincoenta e tres annos que Halley, o qual tão dignamente figurou na escola newtoniana, annunciára, para 1758 ou 1759, o reaparecimento do cometa observado em 1305, 1380, 1456, 1531, 1607 e 1682. Clairaut, depois de innumerous calculos de longitude, fundado na mais alta analyse e na mais profunda geometria, achára que a acção combinada de Jupiter e de Saturno devia occasionar, na marcha do cometa, uma demora de 618 dias, comparativamente ao tempo do ultimo periodo; e no mez de novembro de 1758, por occasião de tomar assento na academia das sciencias, annunciou que o cometa devia passar ao seu perihelio por meado de abril seguinte. Por outra parte diversos astrônomos tinham determinado em cartas e em

espheras os principaes pontos das diversas direcções que o cometa devia seguir em differentes hypotheses de passagem ao perihelio, quasi de mez a mez, desde meado de 1757 até meado de 1759. Messier, ajudante do astrónomo Delisle, no observatorio do deposito da marinha, procurára o cometa por espaço de anno e meio, guiando-se por estas cartas hypotheticas. O céu conservou-se muito encoberto durante os mezes de novembro e dezembro de 1758, tendo por conseguinte de interromper as suas observações n'aquelles dois mezes, e só em 21 de janeiro de 1759 é que teve a fortuna de vêr o cometa pela primeira vez. Ninguém pode imaginar a alegria que experimentou Delisle, que era então o patriarcha da astronomia. Comtudo em Allemanha haviam sido mais felizes sem conhecerem tão rigorosas observações. A 29 de janeiro de 1759, publicou-se em Leipzig uma memoria em allemão, que tinha por titulo: «Prova da apparição real do cometa que se avistou em 1682, e que, segundo a theoria de Newton, foi calculada por Halley, e das apparições que se hão de realisar no decorrer dos tempos; dada por um amator da astronomia.» N'esta memoria de quinze paginas em 4.<sup>o</sup>, annuncia-se que o cometa é realmente visivel, posto que não possa observar-se senão por meio de telescopios. «Estava reservado,» diz o auctor, «para um aldeão saxonio, chamado Palitzsch, descobrir primeiro este cometa, sem saber nem o valor de tal descoberta; as suas observações de 25 e 27 de dezembro de 1758, com a do doutor Hoffman, amator d'astronomia, feita em 28 de dezembro, servirão para demonstrar que é este o mesmo cometa de 1682.»

Apesar d'esta publicação, todos os astrónomos da Europa ignoraram ao principio que o cometa fosse visto desde 25 de dezembro de 1758, comprehendendo Delisle, que continuou a mandal-o observar por Messier, sóinho, e em segredo, até 14 de fevereiro, epocha em que deixou de ser visivel pela sua proximidade do sol. Quando Delisle deu aviso da apparição, depois do 1.<sup>o</sup> de abril, o cometa acabava de ser observado em Lisboa e Bolonha. Godin viu-o em Cadiz poucos dias depois. Nas memorias lidas á academia em 1760 é que se mencionaram todas estas circumstancias. Delisle viu pelos seus proprios olhos a brochura publicada em Leipzig a 24 de janeiro de 1759, como elle mesmo declarou.

Palitzsch, porém, cuja memoria é lembrada por esta descoberta, continuou a frequentar o estudo da astronomia e das sciencias exactas. A historia natural e a botanica faziam as suas delicias. Tinha ordenado um gabinete de produções naturaes mui bem classificadas, assim como um jardim de plantas raras, que cultivava esmeradamente, conseguindo acclimatar algumas. A sua modestia era extrema. Palitzsch morreu na sua aldêa de Prohlitz, no fim de fevereiro de 1783: era membro correspondente da sociedade real de Londres e da academia de S. Petersburgo.

#### O PAPA SYLVESTE II.

O conde Borel e Gerberto encontraram-se novamente em Granada, e d'ali partiram juntos para Italia. Os dous viajantes chegaram a Roma a 29 de setembro de 961, e alguns dias depois, recebeu-os o papa João XII, a um e a outro, com favor e distincção. N'esta cidade, viu Gerberto pela primeira vez o imperador Othão o grande, com o qual teve algumas conferencias, de que resultou afeiçoar-se-lhe aquelle muito, e ligar-se Gerberto para sempre á casa do illustre fundador das republicas italianas.

Na epocha a que nos referimos reinava o rei Lothario em França; mas o seu poder enfraqueciam-o as guerras intestinas que faziam entre si os principes e governadores de provincias, que reconhecendo apenas a sua suzerania, se mancomunavam muitas vezes com os inimigos exteriores para lhe abalar o poder, e firmar o seu em bases mais solidas.

Lothario, que tinha relações de parentesco com a casa real de Saxe, enviou um embaixador a Othão; o qual não tardou em reconhecer o merecimento de Gerberto, que conduziu consigo para França, depois de haver desempenhado a commissão que lhe fôra encarregada. Os dous novos amigos, tendo-se despedido do imperador e da rainha Adelaide, que lhes fizeram varios presentes, partiram com effeito para França, e chegaram a Paris, assistindo aos ultimos momentos do rei, e á aclamação de seu filho Luiz V, derradeiro ramo da arvore carlovingiana.

Gerberto, estabelecido na capital do reino de França, em breve ali occupou o lugar que os seus vastos conhecimentos lhe garantiam; mas, dominado sempre pelo desejo de adquirir noções, foi successivamente estudar nos conventos de Fleury, de Liège, de Lobbes, de Gemblon, de Gorcum, de Trèves, que eram então outras tantas escolas de ensino superior. Foi n'estes diversos mosteiros que elle travou amizade com Adalberon, Ebert, Eccard, Adson, Constantino, e varios outros sabios abbades, bispos e arcebispos.

Farto de sciencia, Gerberto procurou finalmente descansar um pouco, e foi viver em Reims, perto do seu amigo Adalberon, que então occupava a séde archiepiscopal de S. Remigio, deante do qual viham os reis de França ajoelhar para receberem a unção santa. Mas se contava com alguns momentos de socego enganava-se; porque pouco depois offereceram-lhe, e elle accitou a cadeira que o celebre Hincmar illustrára, tornando-a mais illustre ainda. Ao lado das estatuas dos padres da Igreja ordenou que se collocassem as de Demosthenes, Virgilio, Horacio, Terencio, Lucano, Cicero e Aristoteles, fazendo sentir em suas lições, a que assistiam os personagens mais celebres d'aquella epocha, todas as bellezas dos historiadores, dos poetas e dos oradores da Grecia e de Roma. Prestou particular attenção ao ensino das sciencias exactas. Graças aos algarismos arabes, á numeração decimal e a uma machina de calculo, o *abacus*, que trouxera de Cordova, pôde fazer descer as mathematicas ao nivel de todas as intelligencias. Vulgarizou a astronomia por meio de differentes espheras que fabricava por suas proprias mãos. Empregou o *monocordio* dos gregos para aperfeiçoar o ouvido e a voz dos seus discipulos, cujos barbaros costumes corrigiu pelos encantos da musica.

Apesar da assiduidade com que se empregava na direcção da sua escola, não lhe faltava tempo para corresponder-se com os mais eminentes personagens da sua epocha, entregava-se tambem, no silencio da noite, ao seu estudo predilecto, a mechanica; fazia então clepsydras de rodas, órgãos hydraulicos, relógios solares e outros instrumentos proprios para medir o tempo. Parece demonstrado que Gerberto inventára uma especie de telescopios com que conseguiu tornar mais facéis as observações astronomicas; e os seus biographos asseveram que a elle se deve tambem o meio de dominar o fluido electrico, attribuido seiscentos annos depois a Franklin.

Alguns historiadores como o padre Alexandre, Moréri, Marlot, Brovius, Dithmarus, o presidente Hénaut, os beneditinos etc. julgam, e não sem fundamento, que elle fôra igualmente o que inventára

o peso motor, que substitue tão vantajosamente o reservatorio liquido que constitue a força motriz das rodas primitivas.

Auctores modernos, e entre outros os srs. Axinger, L. Barse, e J. Sabbatier, fundando-se em alguns textos, disseram que Gerberto, no decurso dos seus trabalhos de alta machanica, procurara aproveitar o vapor como força motriz, e que o applicara a um orgão mechanico de grande dimensão.

(Continúa.)

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XIX.

*E' tarde!*

IA desenlaçar-se a tragedia. Em breve uma alma violentamente separada do corpo havia de comparecer, envolta em sudario de sangue, diante da face do Juiz. Na primavera dos annos o mais estimado dos cavalleiros da corte acabava da morte dos grandes criminosos, sem um braço amigo a que se encostasse, nem um peito fiel aonde depositasse o fatal segredo da sua sorte. Seu irmão D. Egas, tão unido n'outra epocha a todas as suas esperanças, achava-se longe, e alheio do golpe que ia ferir-o.

Taes eram para si e para o filho ainda de berço, os pensamentos do moço alferes. N'uma carta dictada a Fr. Munio para D. Egas o desgraçado Gomes Lourenço dizia poucas palavras. D'ellas sabia que nem uma só deixaria de se lhe entalhar no coração. Aquelle era um amigo que não faltava.

«Escrevo-te,» dizia a carta, «sobre a campa de uma sepultura. Vou morrer da morte dos justicados, ás mãos do antigo inimigo de Salzedas. Martin Paes é o meu assassino. Quando este pergaminho te fór entregue, o coração com que te amei estará já frio. Pago com a vida o amor criminoso, pelo qual te esqueci a ti, ao filho do meu sangue, e ao nome de nosso pae. . . Deus castiga-me com justiça! Depois de tres annos de martyrio vou enfim repousar de tanta dôr. Egas, meu irmão, pelo amor da nossa infancia, pela ternura de nossa mãe, agora uma santa no céu, peço-te, quero que vivas; o meu filho, o meu Afonso sem ti ficará sem pae. Mas o desgraçado nunca o teve! É o remorso que levo atravessado. Eis o legado que te deixo, e que has-de cumprir. Meu irmão, até ao dia em que Deus nos ajuntar no céu.»

Cravado em cêra o sello com que se fechou a carta foi assente com mão firme. Um pergaminho devia ser apresentado aberto a el-rei D. Afonso em Coimbra. Era breve e singelo o discurso d'elle:

«Senhor, morro em Santa Olaia assassinado, sem tempo para mais do que para orar a Deus pela minha alma. Martin Paes da Ribeira foi o meu verdugo. Á hora da morte recomendo-vos, pelas dôres de pae, o filho orphão que deixo. É a ultima mercê que pede o vosso collaço Gomes Lourenço.»

Depois, sem querer saber mais nada do mundo, despiu a armadura e voltou a alma para o céu. Fr. Munio e o abbade de Santa Olaia começaram a rezar por este homem, no vigor da saúde e na flôr dos annos, as orações do officio d'agonia, e elle contricto e humilde ouvia-os em silencio. Os dous padres, mais

brancos do que as pedras que pizavam, tinham os olhos arrazados de lagrimas. Só o rosto do mancebo não denotava mudança; parecia indifferente como se apertasse a lança, e soltasse o corcel para um encontro na fronteira.

«Senhor, ponde em mim os olhos. Não retireis do meu coração o vosso espirito.»

«Purificae as minhas mãos do sangue, e esta lingua cantará os vossos louvores. Pezae na balança o sacrificio, e compadecei-vos da victima, que vos chama.»

O canto parou e a voz commovida de Fr. Munio soou, dizendo:

«D. Gomes Lourenço, que foste cavalleiro e rico-homem, deixaes as vaidades do mundo, e para em tudo despirdes o homem velho, trocaes pela estameinha da humildade o arnez e a espada de cavalleiro?»

— «Sim, padre!»

— «Ajoelhae, irmão!»

Depois de outra pausa breve, em que se fez a cerimonia da tonsura, a mesma voz torçou a levantar-se:

— «Recebei a veste do esposo.»

«Senhor, vêde o meu holocausto, e arredae de mim as tempestades do mundo.»

Cantaram os sacerdotes, amortalhando o cavalleiro, e cobrindo das cinzas da penitencia a cabeça aonde se erguia o elmo de guerra.

D. Maria Paes tinha-se levantado a pouco e pouco. O terror d'aquella oração esfriava-lhe o coração. Saiu da sala, e desceu dous degraus; porém não teve força para mais. Irresoluta entre o desejo de salvar o mancebo e a sede da vingança, ficou na dolorosa immobilidade que depois da amputação entreva os membros. Lá dentro o orgulho, o remorso, e o odio desenfreavam-se em lucta medonha.

De novo soaram aquellas vozes que a gelavam de pavor. O canto era mais triste, acompanhando as palavras que a Igreja pronuncia sobre os derradeiros soluços do moribundo.

«Sou chegado ao termo da vida do homem; e vou dormir ao lado de meus avós. Amanhã serei apenas cinza, pó e nada.»

«Compadecei-vos de mim, Senhor!»

«Peregrino, a terra foi o meu desterro; e os dias que vivi foram breves e amargosos. Nem chegaram aos de meu pae.»

D. Maria não pôde mais ouvir aquellas rezas que a trespassavam.

— «Oh, não,» exclamou com ancia, «ainda é tempo.»

E galgando a longa escadaria dirigiu-se á capella. Chegava á porta, quando outra vez a voz de Fr. Munio a estacou.

«Senhor, resgatae a alma do vosso servo e enviae os vossos anjos para a receberem no paraizo.»

«Abri as portas do céu ao que chega purificado pelo martyrio. Que o espirito das trevas não prevaileça contra elle.»

Sem poder dizer como, a dama de Lanhoso deu por si no meio da entrada da ermida. Iam descerrar-se os labios para fallar, e os pés iam mover-se para correr, quando as palavras se converteram n'um grito, e os joelhos vergando lhe faltaram.

Era tarde!

A justiça divina trouxe-a ali para a castigar com o spectaculo do seu crime.

No momento, em que transpunha os umbraes, viu um homem envolto no sudario deitar a cabeça no cepo; o ferro alçar-se e luzir; o golpe silvar e descer; e cair destroncado o corpo.

Estava tão perto que o sangue espadanando foi salpicar-lhe o rosto e os vestidos.

— «Eis a obra do teu orgulho; regozija-te!» bradou Fr. Munio. O sangue imprimiu-te na testa o selo do inferno, e ha de queimar-te para sempre os dias e todos os affectos. Mulher, olha para essa cova que abriste! Mede a e applaude-te. A justiça de Deus sepultou n'ella a esperança, a ventura, e a salvação da tua vida. Irmã de Caim, em nome do céu que nos vé, sê maldita até á consummação dos tempos!»

D. Maria não respondeu; tinha a falla gelada na garganta: Sem vér nem ouvir, depois da maldição do monge, proferida na presença do cadaver, e sobre o sangue fresco que lhe maculava o rosto, a orgulhosa dania permaneceu instantes, com os olhos pasmados, os labios entr'abertos, muda, hirta, insensível, como a imagem do horror. Decorridos poucos minutos correu em redor de si a vista espantada, e pousando-a no cadaver e no ataúde levou as mãos

ás faces e tapou os olhos. Depois, subindo a escadaria n'um impeto machinal, e virando-se para Tello Ervigiz, que a seguia com o cutello ainda na mão, bradou que todos a ouviram:

— «Que me sellem o meu cavallo. Vou partir. Os meus homens d'armas que estejam promptos.»

Quando chegou ao terreiro esperavam-na D. Nuno e Martim Paes. Cavalgaram sem dizer palavra, e dentro em pouco desapareceram na corda do ultimo outeiro. A sineta da ermida, dobrando solitaria, levou-lhes muito tempo a voz importuna do crime, que se acabava de commetter. O temporal tinha espalhado. A briza ciciava nas arvores e nas searas. As nuvens rasgando-se, ora toldavam a lua, ora pallidas do seu clarão branco, esvoaçavam pelos profundos espaços do firmamento, aonde as estrellas figuravam para os fugitivos outros tantos olhos reluzentes, seguindo-os para não os deixarem escapar á vingança do sangue.

(Continúa.)



HESPAÑHA. — OS MONTANHEZES DO ARAGÃO.

O ALTO Aragão, celebre em outro tempo pelas memoraveis batalhas que se ali pelejaram entré christãos e sarracenos, pelos infinitos recontros que com estes tiveram os indomaveis e aguerridos almogaures, pela famosa instituição dos foros de Sobrarbe, e sumptuoso mosteiro de S. João de la Penha, onde jazem, n'um modesto pantheon, os antigos reis conquistadores, é em geral pobre, posto que em varias das suas principaes povoações se encontrem algumas familias abastadas; sendo por aquella circumstancia tambem que uma parte dos habitantes se dedica ao contrabando, com grave risco de vida, e não menor escandalo da moral e das leis.

São estes povos inimigos figadaes de innovações, e tão tenazes na conservação dos seus costumes, que nem as vicissitudes por que tem passado a Hespanha, nem a circumstancia de confinarem com a França os ha obrigado a alteral-os na minima cousa.

A nossa gravura é uma clara demonstração do que acabámos de dizer; a moda, caprichoso despoza que impõe as suas variaveis leis ao mundo que se diz civilizado, a moda não tem conseguido introduzir mudança alguma sensível no modo de trajar dos singelos montanhezes; vestem-se hoje como já se vestiam seus avós!

O traje que usam os homens reduz-se a um jaleco de baeta vermelha, cinta lavrada de diferentes cores, calções de panno escuro, polainas de couro, e enorme chapéu desabado na cabeça.

As mulheres, que são em geral de aspecto varonil e animo esforçado, trajam de um modo mui desagradavel á vista, e na realidade bem pouco, ou nada elegante, como se observa na estampa: nota-se principalmente, pela singularidade, a enorme gargantilha engommada, que não só faz um triste effeito, mas que até as deve encommodar bastante.

## VIAGEM AO MINHO.

## CAPITULO I.

*De como eu me decidi a fazer uma viagem, por não ter em que empregar o tempo. O modo porque levei a effeito esta heroica resolução, e embarquei no Terreiro do Paço. — Chegada ao vapor. — A partida; o almoço. — Companheiros de viagem. — Um inglez que bebia vinho, para não enjoar. — Pasma em que fiquei por não ter saudades de Lisboa, e maneira porque principiei a fazer considerações sobre o estado actual da marinha portugueza, penetrando como desalmado nos domínios da politica. — Recapitulação. — Cincoenta leguas a vapor em trinta e duas horas.*

CORTEI aqui a torrente da minha eloquencia tribunicia; limpei o suor que me escorria da frente, e olhei com disfarce para a minha sombra que se projectava na amurada do navio: pareceu-me que tinha crescido dous palmos com a sublime arenga que eu acabava de fazer! Demosthenes, não ficaria mais satisfeito, depois de pronunciar um d'aquelles famosos discursos, que decidiam da paz ou da guerra. As catilnarias do grande orador romano, essas achava-as tão pequeninas, que me envergonharia de as comparar ao glorioso monumento da minha verbosidade!

Depois de alguns segundos de estasi, olhei para o abade. Vi-o na mesma posição, olhando fito, e ainda sem respirar, com receio de perder uma palavra, uma interjeição, um gesto; se lhe não visse os olhos abertos, acreditaria que dormia; mas assim julguei-o fascinado pelo effeito poderoso dos meus argumentos. Tinha-me prestado uma attenção solemne; a sua physionomia, de ordinario informe e inintelligente, pareceu-me repassada de unção religiosa, toda a sua figura exprimia a admiração e o entusiasmo. Convencido de que acabava de prestar um grande serviço á Igreja, arrancando aquella alma ás orgias da politica, ia abraçal-o com reconhecimento, quando o vi descerçar os labios, e exclamar com um gesto de adoravel simplicidade:

— «Decididamente! Se o não puder fazer deputado, ha de sair eleitor pela minha freguezia!»

A estas palavras, senti o effeito de uma punhalada no coração, e caí de costas sobre a cama. Foi uma especie de apoplexia fulminante, que, felizmente, só apanhou o meu discurso; mas jurei de nunca mais deitar perolas a porcos. O pobre do padre continuou a dirigir-me a palavra, encarecendo o meu talento oratorio; porém eu pedi perdão a Deus da vaidade que me tinha tomado, e não dei mais conversa a sua reverendissima.

Assim se passou quasi toda a noute, que, na verdade, foi uma das mais aborrecidas que tenho passado ha muitos annos.

Perto da madrugada, tendo abrandado o vento, subi á tolda a tomar um pouco de ar. O commandante fumava tranquillamente um cigarro fazendo o quarto d'alva; pedi-lhe o lume, e depois de trocarmos algumas palavras, encostei-me a sotavento do vapor, e comeccei a sonhar acordado.

Na introdução d'esta viagem, prometti ao amigo a quem a dedico, de çasar o ridiculo e o sublime, para meu aproveitamento e do leitor; mas á medida que vou consultando os meus apontamentos, conheço tambem a impossibilidade de cumprir aquella promessa. A minha insufficiencia para pintar o sublime, não me impede de conhecer, que o ridiculo não é bem cabido em toda a parte; e por isso não

posso seguir absolutamente o programma que tracei, confiado na boa vontade que me dirigia, mas um pouco cego a respeito dos elementos que tinha á minha disposição.

Perdoa-me, leitor; e tu, meu amigo, tu a quem eu consagro estas paginas, perdoa-me tambem, e tem paciencia de me seguir n'esta peregrinação, que, se Deus fôr servido, levarei ao cabo, do melhor modo que puder.

Sonhei com a minha terra, que depois de seis annos ia tornar a vêr; e lembrei-me dos primeiros tempos da minha vida, dos amigos da infancia, que morreram todos, ou se algum vive ainda, não me conhece já; lembrei-me da minha primeira viagem, da terra do exilio, dos meus companheiros de desterro, que tambem já morreram todos, ou que tambem já me esqueceram! Mergulhado na mais profunda melancholia, e vendo diante da imaginação todos os variados accidentes da minha existencia passada, eu murmurava como Hoffmann: *Qu'est-ce que la vie?* Mas estendia os braços como se quizesse prender uma imagem querida, que me sorria de longe! Essa visão era a mocidade que fugia, imprimindo no meu coração uma saudade amarga, ainda mesmo pelo tempo em que mais tenho soffrido! Tantas esperanças perdidas, tantas illusões desfeitas, e sempre saudades do passado! Estranhas figuras passavam e repassavam diante do meu espirito; umas eram brilhantes como fôcos de luz, e outras sombrias e tristes, mas todas animadas, todas diafanas e vaporosas; moviam-se em sentido contrario, tomavam fórmulas diversas e extravagantes; umas subiam para o ar, e perdiam-se na atmosphera; outras vagavam constantemente em torno de mim, e desfaziam-se nas ondas. Julguei-me transportado ao reino das chimeras; fechei os olhos, e todas as imagens sombrias desapareceram; as outras porém tornaram-se pallidas, e cresceram para mim multiplicando-se espantosamente! Quiz abrir outra vez os olhos, e não pude; tentei levantar os braços, e pezavam como chumbo; fiz um esforço desesperado para erguer-me, e pareceu-me que o meu corpo se tinha convertido em madeira, e que era uma parte do navio. Foi em vão que quiz gritar para me livrar do pezádelo que principiava a encomodar-me; a voz estava preza como o corpo! Via; era a unica faculdade que me restava, e de um modo bem estranho; via com os olhos cerrados! E aquelles espectros diabolicos a chegarem-se cada vez mais, e agglomerando-se uns sobre outros, sempre informes e extravagantes! De repente pararam todos, e houve uma metamorphose geral. A um lado principiou a surgir uma cidade á beira de um rio; reconheci o Terreiro do Paço, e o Tejo; depois vi o vapor que descia rio abaixo; vi a camara, a meza do almoço, o inglez e o despenseiro; o meu discurso, magro como um barbante, estava suspenso ao pescoco do padre; as minhas considerações maritimas andavam a boiar n'um copo de agua. Depois, Lisboa, Tejo, vapor, inglez, despenseiro e padre, comecaram a bailar; homens e cousas pareciam possessos do demonio! Mestre John e o despenseiro, sobre tudo, faziam piruetas como dous endriabrados; pareceu-me que tambem comecava a mover-me para saltar, e estendi as mãos para me segurar, com a desesperação de um homem que se afoga! Ouvi um berro tremendo; abri os olhos, e achei-me com as unhas cravadas no nariz do pobre inglez!

— «Perdão! era um pezádelo horrivel!» O inglez, rugindo como um leão, encarava-me com ar ameaçador. Receiei uma catastrophe. Mestre John era nervudo como um boi; se toma a funesta resolução de descarregar sobre mim um dos seus punhos

de ferro, esta memoravel viagem nunca viria á luz da publicidade. Felizmente, o capitão, que ria como um perdido, veio em meu auxilio, dizendo ao seu illustre collega, que fôra um máu sonho, que me opprimira, a causa do desacato que as minhas unhas haviam commettido; mas que não fôra minha intenção offender o seu respeitavel nariz. O inglez, um pouco mais socegado, declarou que tomaria por um caso de honra o ter-lhe deitado o cachimbo ao mar, no momento de lhe atacar o nariz, se, por fortuna, não tivesse outro consigo. Proferindo estas palavras, sumiu uma das mãos nos fundos abyssos da veneranda japona, e sacou d'ella um cachimbo que encheu de tabaco; e sem esperar as desculpas que eu ia dar-lhe, caminhou direito ao fogão, com a magestade de um membro da dieta germanica! Então, referiu-me o commandante, como tudo se havia passado. Apenas eu tinha adormecido, saíra o inglez da camara, com tamanha velocidade, como se fosse lançado por um canhão. Vinha grunhindo, e vomitando imprecações, porque não lhe consentiam que fumasse na sala do vapor; teimoso como um burro, ou como um inglez que era, não comprehendia, que pudesse haver no mundo cousa alguma capaz de contrariar os seus appetites. Como não gostava de palavras, tinha arranjado para seu uso um certo e determinado numero d'ellas, que diziam respeito, quasi exclusivamente, ás necessidades do seu estomago, e das suas obrigações maritimas; por isso, quando o capitão o viu subir para a coberta como um foguete, e lhe perguntou se estava encomodado, o digno homem, rolando o bocal do cachimbo entre os dentes, significou a sua indignação por gestos, bateu amigavelmente na barriga do collega, e voltou-lhe as costas.

A este tempo começava eu a sonhar, e os movimentos que fazia com os braços chamaram a attenção de John Street. Chegou-se para a borda aonde eu estava encostado, e principiou a sorrir com grande prazer dos movimentos que me obrigava a fazer o sonho, sem lhe importar com as palavras entre-cortadas que me ouvia murmurar. Foi n'esta occasião, que, temendo dançar contra minha vontade, lancei as mãos, em tão boa hora, que surprehendi o nariz do meu amigo extasiado de admiração, fazendo ao mesmo tempo cair pela borda fóra o cachimbo, pleno de tabaco excellente, que elle saboreava com delicia.

Era dia claro. Perguntei a que horas chegaríamos ao Porto, e responderam-me que não tivesse pressa; o que me fez suppôr, que o navio tambem a não tinha.

Todos os meus recursos de distracção estavam esgotados; o aborrecimento, esse terrivel padecimento, que chega quasi a paralisar a acção da vida moral, apoderou-se do meu espirito. Cheguei a esse estado, a que chegam muitas vezes as intelligencias mais superiores, e os maiores talentos; atacou-me o *spleen*. Não sei se os inglezes têm razão ou não, em dar este nome á peor de todas as doenças; o facto é, que, bem ou mal cabida, tem uma classificação, que nenhuma outra nação tratou nunca de fazer; como se não valesse a pena de dar um nome a todas as causas que contribuem para gastar a existencia!

O *spleen* é uma doença quasi inexplicavel; assim como o nome não tem equivalente nas outras linguas, tambem o padecimento não tem outro igual. Ignoro a fórma porque o explica a pathologia, mas os symptomas são originalissimos. Não se póde andar, nem estar parado, dormir ou velar, estar sentado ou de pé, fallar ou não fallar; finalmente, é querer e não querer, ser e não ser. O aborrecimento é atroz, mas póde apenas comparar-se ao

começo do *spleen*: depois o individuo perde a consciencia de si mesmo; é como se tivesse nascido surdo e cego, não tem idéa dos sons nem das côres, apesar de vêr e de ouvir, porque a vontade cessa, quando a acção da doença principia. Pelo menos, foi isto o que me pareceu durante o resto da viagem, e não saí do meu doloroso adormecimento, senão quando um passageiro me gritou aos ouvidos: « Olhe que já se vê a Foz! » Então as outras duas propriedades do meu ser, a unidade e a verdade, sentindo a vontade aproximar-se pelo movimento dos orgãos, ligaram-se livremente a ella; as sensações penetraram n'alma, o raciocinio e o entendimento formaram pouco a pouco as idéas puramente intellectuaes, e a harmonia do todo reapareceu n'estas primeiras palavras que proferi: *Je pense, donc je suis*.

As quatro horas da tarde, minuto por minuto, trinta e duas horas depois de sairmos de Lisboa, estava o vapor amarrando defronte da alfandega do Porto. Só em Portugal é que um barco a vapor consome tanto tempo, e tanto carvão para andar cinquenta leguas!

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

#### ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

#### IV.

*A aldêa dos grumetes. — Um bocado de historia. — Que gente é esta? — A correição. — D. Fr. Victoriano Portuense, e o convento de Bissau. — Da verdade á historia que distancia haverá?*

DEPOIS do marquez de Pombal tudo mudou de face. A' antiga obediencia, á primeira amisade succedeu a mais pronunciada aversão, e a rebeldia formal. O convento foi pouco a pouco perdendo os seus raros habitadores até que ficou deserto, e por fim caiu em terra. Chamaram-se, não sei com que pensamento politico, alguns d'estes grumetes a Lisboa para serem iniciados nos mysterios da civilisação materialista, que n'esse tempo se implantou no solo da patria, e de que estamos colhendo hoje os amargos e venenosos fructos. Estes discipulos do materialismo não quizeram rever as suas cabanas; um só quiz sair d'esta cidade que o apontava ao dedo; mas assim que chegou a Bissau, pezou-lhe a civilisação, a sciencia tyrannisou-o; viu-se opprimido no seu humilde berço, e quiz alargar a esphera em que se movia. Olhou para si, e viu-se uma victima, que os beneficios recebidos trespassavam de agudas dôres; maldisse dos portuguezes, de quem jurou vingar-se, e constituiu-se mestre de revoltas, e doutor da multidão. Então começaram as rebelliões, que se têm succedido até nós; então deu-se principio a essa longa serie de malfetorias contra a praça e sua guarnição, que me não atrevo a narrar, porque seriam precisos muitos volumes para poder habilitar os leitores a dizer que duvidavam qual era mais para admirar se as indignidades d'esta população, se a baixeza dos governadores, se a indifferença da metropole. Para este resultado não vale a pena escrever muito.

Actualmente chamam-se christãos; e apenas têm d'isso o baptismo (aquelles que o tem), e o nome. A maior parte não sabem nem sequer persignar-se. Parecem-se n'isso com alguns mancebos de Lisboa que encontro á porta das igrejas, e raras vezes dentro, ajoelhados á caçadora, de corpo retorcido, recostados sobre a perna erguida, e com a mão direita enxotando as moscas do rosto, ao que chamam não sei o que; e que se escandalisam se a gente entra em duvida sobre qual religião seja a sua!

Os grumetes chamam-se também portuguezes, porque fallam o creoulo de Cabo Verde com algumas variantes, e porque no seu trajo aproximam-se mais dos europeus, que dos papeis; mas não obedecem ao governador, nem por algum outro acto mostram querer fórmarmos parte da nossa sociedade politica. O juiz do povo, esse ainda submete a sua eleição á confirmação do Governador, mas porque tem n'isso interesse; já pecuniario, porque percebe uma gratificação annual; já de importancia pelo auxilio e força que da praça recebe nas occasiões em que a sua auctoridade é desacatada.

Ainda mais; não reconhecem a soberania de Portugal a quem negam o direito de os punir, allegando que só obedecem á força. Com os papeis são portuguezes, mas com estes dizem-se papeis. Por mais desarrasoada que seja esta pretensão, ha uma cousa ainda mais desarrasoada, que é a persuasão de alguns governadores geraes de que os grumetes têm razão, e que não podem ser punidos como rebeldes quando fazem guerra á praça; tal é a escolha que Portugal tem feito dos delegados do poder real n'estas paragens!

Pelo que tenho examinado, estou convencido de que estes grumetes aspiram a constituir um reino seu, á imitação dos dez que ha na ilha. Não que eu affirme haver n'elles um pensamento fixo, para o qual convirjam todas as suas tentativas de ha oitenta e tantos annos a esta parte; pois não obstante reconhecer que o seu trato com os brancos lhes tem dado conhecimentos e astucia, que os tornam muito superiores aos papeis, não me parece que tenham chegado já a um tal estado de adiantamento, que lhes permitta abraçarem uma idéa politica, e perseverarem n'ella, empregando uns meios, e aproveitando e dirigindo outros á sua consecução; mas porque a independencia em que os têm deixado viver, lhes ha de ter inspirado o desejo de que permaneça e se firme. Também não sei o que o futuro tem reservado a esta população, mas por minha parte preferirei que ella abandone para sempre Bissau, a consentir por mais tempo que se sujeite a bandeira portugueza á insolencia d'esta raça hybrida e semi-selvagem (1).

Não ha guerra, não ha malfetoria, não ha insulto a Portugal de que os papeis sejam auctores, em que o grumete não tome uma mui distincta parte; mas ao contrario de seus maiores, sempre contra a bandeira das quinas; e não poucas vezes é elle mesmo que se revolta contra a praça, e lhe faz uma crua guerra.

Colocado nas raias da ultima civilisação e do primeiro barbarismo não é um antemural contra esta, e uma atalaya d'aquella, como fôra quando a Igreja o guiava e dirigia. Hoje é uma raça spuria que procede de um contacto impuro d'estes dous principios; epilogo monstruoso dos vicios e desformidades de ambos, volta alternativamente contra elles as armas que de ambos recebeu; a astucia, e a intriga que houve do trato e convivencia dos brancos, o amor do goso e do ouro que herdou da civilisação europea, emprega-os em concitar inimigos entre os papeis contra a praça; em ensinar-lhes uma tal ou qual tactica mais á europea; em fornecer armas e munições a estes pretos, quando estão em hostilidade; e em denunciar-lhes as debilidades, ou as faltas que ha na praça. O espirito de vingança, a dissimulação e a ferocidade que os papeis lhes communicaram, emprega-os contra elles, já concitando-os ás hostilidades contra a

praça, com promessas de auxilio, já atraigoando-os se assim lhes convem, e abandonando-os depois aos seus desastres; ou o façam porque querem tirar vingança de uma affronta, ou porque repelliram algum de seus alvitres.

Se a gente grumete fosse mais numerosa, o ponto de Bissau ha muito que teria deixado de ser portuguez; e se a guarnição fosse mais numerosa, e mais prospero o seu estado, com alguns governadores tão imprudentes como o que aconselhava a conquista e occupação da ilha, e a destruição dos papeis, ha muito que a estes teria acontecido o mesmo que a civilisação protestante tem feito aos selvagens da America, teriam sido apagados do catalogo dos viventes.

Eu maldigo essa carniceria barbara, antichristã, e estúpida; mas tão pouco me agrada a vergonhosa resposta, que até aqui se dava aos queixumes das victimas das extorções e violencias de papeis e grumetes: «*Que quer que lhe faça? nós não temos força.*» Eis como Portugal tem sido servido! mas é para estes que reserva os melhores premios, e os seus mais ternos agrados! porque o interesse de tal ou tal partido, ou corrilho assim o exige, embora seja em detrimento da moral, e do proprio paiz. Assim bem se póde com verdade afirmar que o maior inimigo da nossa politica, é a politica; a politica mesquinha e miseravel dos partidos contra a politica generosa e nobre da patria.

Quando já chegando ao fim de minha digressão subia já o sol no horisonte, e de sob aquelles alpendres saíam os grumetes, esfregando os olhos como quem acabava de acordar. Quasi todos vestiam calças de algodão, cru ou riscado, e camiza de zuarte azul sobre-posta, e cingida na cintura, por uma banda de geba; e na cabeça traziam um chapéu de palha. Uma grande parte pareceram-me mestigos.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

#### HOSPICIO DA PRINCEZA D. MARIA AMELIA.

A CASA, bem ventilada por todas as partes, tem cortinas dobradas em cada uma janella. As salas, forradas de bonitos papeis, têm pelas paredes escolhidos textos da escriptura, exhortando os seus futuros hospedes á paciencia e resignação. Os leitos de ferro são guarnecidos com enxergão, colção, travesseiro, e as almofadas necessarias para se procurarem as melhores posições para os doentes. Ha cadeiras de encosto de diversas inclinações para commodidade dos enfermos mais graves, mezas para comer na cama, boas cadeiras de palhinha nos quartos, bancos de descanso no jardim. Além d'isto a rouparia está abundantemente provida de roupas para as camas e uso pessoal dos enfermos. Tem cada um d'elles, em ambos os sexos, fato differente para as diversas estações, para casa e para o passeio. O edificio possui excellente agua, e em muita abundancia, levada aos logares em que é necessaria, e uma pequena, mas bem construida, casa de banhos, onde estes se apromptam com summa facilidade por meio da bem engenhada communicação d'esta com os reservatorios de agua fria e quente. Outra casa bem ventilada, e muito decente, e especialmente destinada para deposito dos fallecidos; onde com toda a commodidade e o maior recato se poderão fazer as autopsias. Esta casa, quando fôr occupada, ha de estar continuamente vigiada e guardada pelos empregados incumbidos d'este serviço, havendo, além d'isto, uma campainha de alarme com toque particular, que,

(1) Foi isso mesmo o que aconteceu em 1846, em que estes grumetes se retiraram para Bandim, abandonando a aldeia de Bissau.

por communicacão por meio de fitas atadas aos pulsos dos cadaveres ali depositados, dará signal ao respectivo guarda de qualquer movimento, que por ventura possa haver em caso de morte apparente.

A maior parte dos empregados são obrigados a residir dentro do estabelecimento, onde além de uma boa alimentacão, têm quartos excellentes, e muito salubres, roupas, moveis, e mais utensilios em separado e differentes dos que servem aos doentes; não por idéas de contagio, mas por motivos de ordem e regularidade.

A escripturaçã projectada é a mais bem combinada possivel, pois reúne em sua execuçã a clareza á maior simplicidade. Ha um livro de registro civil, organizado de modo, que não pôdem deixar de ser lançadas n'elle todas as circumstancias relativas a qualquer doente, que venham a ter alguma utilidade nas estatisticas, que de futuro devam d'ali ser tiradas. O livro do registro medico está arranjado para que cada doente ali tenha uma historia resumida da sua molestia e tratamento, e bem assim impressos no principio de cada uma d'ellas um certo numero de quesitos, cujas respostas são outros tantos artigos, que devem figurar na estatistica annual. Os livros do sustento diario, e os do inventario, sem que possam reputar-se uma invençã original, são comtudo uma applicaçã feliz do mechanismo simples, de que se tem usado com muito proveito nas mais bem organisadas repartições.

A administraçã e direcçã d'este hospicio foi incumbida a uma commissã composta de pessoas conspicuas, intelligentes, e já experimentadas em obras de caridade, que por certo não tornarão baldados os evangelicos desejos da sua augusta fundadora, dirigindo este pio estabelecimento com aquelle disvelo e reconhecido zêlo, que de todos na ilha é bem conhecido.

O sr. doutor Antonio da Luz Pitta, distincto medico do Funchal, é o facultativo encarregado do tratamento dos doentes, sendo para sentir, que, deputado actualmente ás côrtes, tenha sido por isso affastado d'aquillo para que o seu talento, saber, e consummada experiencia particularmente o destinaram.

Este estabelecimento, que, na saída de sua magestade imperial da ilha da Madeira, já se achava completamente acabado, ainda hoje não recebe doentes, porque a escrupulosa solicitude da augusta fundadora não consente, que seja ali recolhido e tratado doente algum, em quanto o facultativo do hospicio não declarar, que está completamente dissipado o cheiro dos trastes novos, e o de algumas pinturas, e que a casa se acha já em estado, de receber os hospedes sem perigo para a sua vida.

A rapidez com que este estabelecimento de caridade appareceu, e se organisou até aos seus ultimos detalhes, prova quão grande é o poder de uma vontade firme e illustrada, e o de uma generosa mão. Bastantes pessoas da ilha que o visitaram depois de acabado, maravilhados em presenca da belleza do edificio, do aceio, bom gosto, e até luxo da guarniçã e adorno das casas as mais insignificantes do estabelecimento, por pouco informadas de cousas d'esta ordem, acharam demasiadamente rica uma obra, que só tivera sido feita para asylo de doentes pobres. Mas a sua augusta fundadora, que tem visitado muitos hospitaes, e estabelecimentos d'esta ordem, em paizes que nós desejaríamos imitar; e que só consultou o seu coração, e as necessidades da dôr e da desgraça, não o entendeu assim; e bem haja ella!... Nós precisamos d'estes modêlos, que, ainda que raros e quasi seculares, venham marcar uma epocha notavel na nossa historia, de que sempre nos recor-

demus com saudade, e que sirvam ás gerações vindouras de exemplar digno de ser imitado.

Assim o julgaram os funchalenses e os habitantes de Lisboa, que, com o coração penetrado de dôr e os olhos debulhados em lagrimas, acompanharam a trasladaçã dos restos mortaes de uma princeza, que, se não fôra a vontade do Supremo dos Reis, em breve secundaria as feições do espirito illustrado, as virtudes e a ardente caridade de sua desditosa mãe. Esta solemnidade, que, mais do que pela pompa, se tornou augusta, magestosa e tocante, porque não houve coração algum, que se não achasse commovido, nem faces, pouco affeitas a lagrimas, onde se não visse deslisar alguma, servirá de grande liçã para ricos e pobres, para nobres e plebeus, de que a virtude e a religiã são o unicos dotes respeitaveis, de que ficam saudades eternas em todos os corações.

Mas não parou só na instituiçã provisoria do hospicio da princeza D. Maria Amelia o pensamento generoso, verdadeiramente real de sua magestade imperial a senhora duqueza de Bragança. Trata-se da fundaçã de um edificio novo, especialmente organizado para tratamento de tísicos na ilha da Madeira. Nem os embaraços de uma legislaçã administrativa menos reflectida, nem a deploravel historia das nossas instituições pias a assustam e desviam das suas piedosas e caritativas intenções. Qualquer dia nós veremos dar-se principio a mais esse monumento de eterna e bem merecida gloria.

Que o seu nome e o de sua augusta filha fiquem gravados no coração de todos os portuguezes, tão profundamente, como são grandes, relevantes e generosos os beneficios que d'Ellas temos recebido.

Assim seja.

DR. F. J. DA CUNHA VIANNA.

PELO decreto de 27 de outubro de 1852, que começou a vigorar no 1.º de julho corrente, estatuiu-se (artigo 28.º) que os periodicos, de qualquer especie que fossem, pagariam o porte de 5 réis por cada folha de impressã, sendo previamente franqueados, ou o de 10 réis, não o sendo.

O *Panorama* está incluído na citada disposiçã da nova lei postal.

Aquelles dos nossos subscriptores pois, que quizerem receber d'ora em diante o *Panorama* franqueado, para gosarem do beneficio que a referida lei garante, devem enviar-nos a importancia correspondente aos numeros que restam por distribuir do presente anno, na razã de 5 réis por cada numero.

Os senhores que de futuro nos honrarem com as suas assignaturas, poderão, querendo, incluir no preço d'esta o porte respectivo; vindo em tal caso o preço do *Panorama* a ser, para as provincias; por anno ou 52 numeros, 1\$560 réis; por semestre, ou 26 numeros, 830 réis.

Todas as cartas que expedirmos do nosso escriptorio serão franqueadas, e por isso esperamos que as que nos enviarem tragam igualmente o sello, ou estampilha de franquia. A vantagem é reciproca.